

## o homem e o mundo

A bigama

## UM POUCO DE ALDOUS HUXLEY

(O seu romance de estréia)

De EVARISTO DE MORAES FILHO

NASCIDO em 1894, com uma singular ascendência intelectual, cercado por todos os lados de espíritos ilustres em sua família — neto de Thomas Henry Huxley e sobrinho por linha materna de Mathew Arnold e Mrs. Humphry Ward, além de irmão mais moço de Julian Huxley — não poderia Aldous Huxley deixar assim de responder à voz do sangue, enfronhando-se decididamente pelas coisas do espírito. Estreou em 1916 com um livro de versos, intitulado "The Burning Wheel". Tornou a publicar outro livro de poemas em 1918, "The Defeat of Youth and others poems". E ainda poesia em 1920, "Leda". Mas nesse mesmo ano aparece com um livro de contos, que não despertou grande atenção no mundo literário, "Limbo".

Em 1921, dá a público então "Crome Yellow", o seu primeiro romance propriamente dito, que fez com que a crítica oficial londrina se voltasse para esse jovem de 27 anos de idade, que já demonstrava um inequívoco poder de ironia e de "humour" a respeito da sociedade do seu tempo, atacando-a ferinamente, mesmo quando parece aceitá-la. Por essa época trabalhava Huxley em "The Athenaeum", com John Middleton Murray e Katherine Mansfield, que viria a alcançar êxito e fama na sua carreira literária também em 1921, com a publicação do seu livro de contos "Bliss".

Nota-se nesse seu primeiro romance uma forte influência da cultura francesa, principalmente, da maneira de apresentar os personagens de Anatole France. Alguns grã-finos se reúnem em Crome, em pleno meio rural, para passar as suas férias numa histórica mansão que é de propriedade de um déle, e não perdem oportunidade para exibir erudição, finas frases, ditos excêntricos, e assim passam a vida. A maneira de um químico que colocasse diversos elementos dentro de uma redoma para assistir calmamente o resultado das suas misturas e combinações, levou Huxley esse seu grupo de personagens, uns místicos, outros sonhadores, outros ainda sensuais, tímidos, estúpidos, grotescos, até o campo, deixou-os conversar entre si, e, muito do alto, ficou a observá-los em seus conflitos de opinião. Mas há muito pouca vida, verdadeiramente humana. O autor toma uma atitude de inteira inocência perante os seus personagens, finge até que não os conhece, não se confunde com eles, não os odeia nem os ama decididamente, registra somente a frio, como simples stenografo o que eles vão dizendo. É um cientista a dissecar uma rã, colocada além do bem e do mal, interessado unicamente nos efeitos momentâneos da sua experiência. Pouco lhe importam os resultados finais das discussões daquelas pessoas, que digerem os mesmos alimentos e respiram o mesmo oxigênio, embaixo do mesmo teto. Nenhuma pretende vencer as outras, querem é falar, soltar as

suas "boutades", vender o seu peixe. Não interessa a identidade do comprador, nem o destino que irá dar à mercadoria.

Parecendo ser um desabusado, usando e abusando do sexo em seus romances, no fundo não passa Huxley de um puritano, que sempre procura ridicularizar os pecados da carne, os seus apetites, as suas brutalidades e os seus obscurantismos. A sua atitude de cinismo em face da vida é a atitude de um puritano decepcionado. Não era esse o mundo moral que ele desejava, não acredita que a humanidade possa tornar-se melhor, também não procura dar-lhe armas e elementos para melhorá-la, afasta-se somente meio enojado, de nariz torcido, e recolhe-se ao seu gabinete para ironizá-la e gozá-la a seu modo.

O que surpreende em Huxley é justamente essa ausência total de elemento humano em suas obras. Este inglês ilustre parece que não tem coração, espia os homens nos seus caminhos, nas suas casas, penetra-lhes a alma, fica escondido para espreitá-los em seus momentos mais íntimos, e então põe-se a rir clinicamente nas suas bochechas, porque descobriu os motivos ocultos da sua conduta. Eles agem mais pelos seus apetites, pelos seus instintos, pelos seus baixos sentimentos puramente animais do que movidos pelas altas idéias de uma conduta altruística e desinteressada. Se o marido está demorando a sair de casa, hesitando enquanto assiste a esposa amamentando a filhinha, com o olhar distante de saudades, não se trata disso, não. Em verdade, ele está com dor de barriga, e hesita simplesmente se vai ao banheiro, ou se ainda tem tempo de chegar ao escritório...

Temas do mundo moral, tais são os elementos naturais de Huxley, onde ele se sente verdadeiramente à vontade, como se estivesse em casa. Não lhe interessa o que vai pelo mundo econômico e social, se os homens são ricos ou pobres, se bebem vinho espumante à mesa ou se água de poço. Huxley abstrai esses dados concretos do problema, voltando-se unicamente para as ações de ambos e os seus móveis psicológicos. Qual o bicho que está defronte dele, é um homem, tem um corpo e uma alma? Pois bem, é o quanto lhe basta, o resto é supérfluo.

Mas é esse resto que rouba da obra de Huxley o profundo sentimento de simpatia humana, que faz com que o romancista se confunda com seus personagens, interessando-se pelos seus destinos, procurando na vida real de todos os dias as verdadeiras causas dos seus sentimentos, dos seus pensamentos e das suas ações. Os homens não podem ser separados das suas condições materiais de existência, colocados em tubos de ensaio de laboratório, como cobais, fora do tempo e do espaço, à mercê de um sábio louco que lhes

quer aplicar injeções e verificar as suas reações, de cronômetro na mão.

O mal de Huxley é a sua equanimidade, a pretensão de esforçar-se em não tomar atitude frente aos conflitos humanos, que se desenrolam ante os seus olhos. Nada merece a tomada de partido, e assim se deixa êle ficar comodamente em seu gabinete, a buscar erudição na Enciclopédia Britânica. E como na caverna de Platão, não procura Huxley ver os homens em meio à sua luta diária, aos empurrões, na confusão geral, limita-se a observar a projeção de suas sombras na lombada bem encadernada de seus livros caros.

Quase no fim do romance, há um trecho que é bem a definição do temperamento e das predileções de Huxley. Realizava-se a festividade da feira anual de Crome, o povo se divertia bebendo refrescos, tomando sorvetes, dançando ao ar livre na praça especialmente iluminada com balões e lanternas, quando Mr. Wimbush exclamou, em conversa com Denis: "Se tôda essa gente estivesse morta, esta festividade seria extremamente agradável. Nada seria mais deleitável do que ler, num livro bem escrito, um baile ao ar livre que teve lugar há um século. Que encanto! — dir-se-ia —. Que bonito! Que divertido! Mas quando o baile tem lugar hoje, quando estamos envolvidos nêle, então vemos a coisa à sua verdadeira luz. E tudo não passa disto".

O que o incomoda são os contatos humanos, e êste mesmo personagem pouco antes já havia dito: "Como seria alegre e deleitável a vida se pudéssemos dispensar todos os contatos humanos! O exato estudo da humanidade está nos livros". O que Huxley não quer é amarrotar a sua beca de doutor em filosofia, sujar a sua roupa engomada ao contato com as criaturas vivas, de carne e osso, cheias de suor e de cansaço ao fim do dia nessa luta inglória e anônima por um mundo melhor.